

## O Renascer das Flores<sup>1</sup>

Paula DRUMMOND<sup>2</sup>

Ana Beatriz CARDO<sup>3</sup>

Stephanie FARESI<sup>4</sup>

Patrícia RANGEL<sup>5</sup>

ESPM, São Paulo, SP

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre o abuso sexual, um problema grave enfrentado por crianças, homens e mulheres em todo o mundo. No documentário de rádio, discutimos a herança patriarcal da dominação dos homens sobre as mulheres, o conceito do abuso sexual e sua contextualização no Brasil, e apresentamos relatos detalhados e comoventes de mulheres que sofreram violência sexual, mostrando as consequências do crime na vida das vítimas. Para manter o anonimato destas mulheres demos a elas nomes de flores com a intenção também de devolver a elas a feminilidade que o estupro as roubou. Os relatos de Rosa, Margarida e Violeta permeiam o documentário, além do forte depoimento da empresária Vânia Lopes, vítima do ex-médico, referência em reprodução humana, Roger Abdelmassih.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abuso sexual; estupro; jornalismo; violência sexual contra mulheres; radiodocumentário.

### 1 INTRODUÇÃO

O papel do homem e da mulher é definido culturalmente e se modifica conforme o tempo e as exigências da sociedade. Desde a nascença já são impostas características a cada um dos gêneros. Se o bebê for menina, os pais já decoram o quarto na cor rosa, se for menino, azul. A partir daí, diversas expectativas são criadas para ambos, como o que devem ser quando crescerem, como devem agir e do que devem gostar (Cabral, F.; Díaz, M. 1998, p. 142-150).

O termo gênero, classificação constituída pela sociedade, contribui para exacerbar a distinção entre indivíduos de sexo diferentes. Essa classificação possibilita a construção de significados sociais, culturais que distinguem cada categoria anatômica sexual e que são

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO15 Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em áudio e rádio.

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: [paula.lilla.drummond@gmail.com](mailto:paula.lilla.drummond@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: [anabcardo@hotmail.com](mailto:anabcardo@hotmail.com)

<sup>4</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: [ste\\_farese@hotmail.com](mailto:ste_farese@hotmail.com)

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: [patricia.rangel@espm.br](mailto:patricia.rangel@espm.br)

repassados aos indivíduos desde a infância (DEZIN, 1995 apud NOGUEIRA, 2001). Assim, o conceito de gênero abrange características psicológicas, sociais e culturais que são fortemente associadas com as categorias biológicas de homem e mulher (DEAUX, 1985, apud NOGUEIRA, 2001, p.9).

As relações de gênero são produto de um “processo pedagógico que se inicia no nascimento e continua ao longo de toda a vida, reforçando a desigualdade existente entre homens e mulheres, principalmente em torno a quatro eixos: a sexualidade, a reprodução, a divisão sexual do trabalho e o âmbito público/cidadania” (Cabral. F.; Díaz, M. 1998).

Além disso, ele comenta que a desigualdade entre os homens e as mulheres está presente em mais de um setor. No quesito mercado de trabalho, o CEMPRE<sup>6</sup> (Cadastro Central de Empresas), estudo que o Instituto Brasileiro de Geografia divulgou em maio de 2014, mostrou que as mulheres já superaram os homens em trabalhadores assalariados. Porém, mesmo ganhando espaço no mercado de trabalho, elas continuam com salários inferiores aos dos homens, como afirma a filósofa e feminista francesa Elisabeth Badinter:

(...) os homens fingem esquecer que conservam zelosamente o poder que condiciona todos os demais, a saber, o poder econômico e financeiro. Não é descabido lembrar aqui que, mesmo tendo estudos mais avançados que os homens, a proporção das desempregadas é maior que a dos desempregados; que, havendo uma formação similar, a defasagem salarial continua a se aprofundar em detrimento das mulheres; (...) e por fim, que muitos homens alegam sua superioridade financeira para deixar o grosso das tarefas domésticas e familiares a cargo de suas companheiras. (BADINTER, 2005 p.149)

Segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2007), a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho.

As relações de gênero, expressão das relações de poder entre os sexos, nos países em desenvolvimento – como é o caso do Brasil – tem instigado um grande debate em diversas áreas. Podemos afirmar que este é um fenômeno social alarmante que engloba diversos fatores e inclui um dos mais graves atos de agressão contra a mulher: a violência sexual. O abuso sexual pode ser considerado uma violação dos direitos sexuais, que acontece devido à exploração do corpo ou da sexualidade. Este abuso acontece quando

---

<sup>6</sup> Link do estudo: <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=286882>

ocorre o ato sexual ou carícias, entre duas pessoas ou mais, em que uma das partes possui mais experiência do que a outra, e visa seu prazer sexual através da violência física ou fazendo ameaças, sem que exista o consentimento de uma dessas partes envolvidas.

A violência sexual pode ser considerada um problema de saúde pública que não distingue classes sociais, relações de gênero, culturas, raça e etnia, já que pode atingir homens e mulheres, independente de sua cor, idade, religião, condição social, nacionalidade ou opção sexual. O estupro é originado da necessidade do homem em ter uma mulher (CHARAM, 1997, p.70), ou seja, é quando o mesmo se apodera do corpo da vítima, de uma forma não consentida. Esse sentimento não necessariamente deve estar ligado às necessidades sexuais. Segundo o autor, não é primordial que haja ereção e nem ejaculação, e sim, é um ato de agressão hostil e não resposta a excitação sexual exagerada. (CHARAM, 1997, p.147).

De acordo com um estudo realizado pelo IPEA<sup>7</sup> (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em março de 2014, as consequências do estupro podem ser de curto e longo prazo e se estendem no campo físico, psicológico e econômico. As vítimas podem sofrer lesões nas genitais, contusões, fraturas e o uso abusivo de violência física, que pode levar à morte.

Além de ocasionar traumas psicológicos, o estupro pode levar a mulher a contrair doenças sexualmente transmissíveis (DST) e até mesmo desenvolver uma gravidez indesejada. Segundo Aníbal Faúndes, médico ginecologista e obstetra, consultor permanente da Organização Mundial de Saúde e professor na Universidade de Campinas - UNICAMP, “em termos psicológicos, o estupro pode redundar em diversos transtornos, incluindo “depressão, fobias, ansiedade, uso de drogas ilícitas, tentativas de suicídio e síndrome de estresse pós- traumático” (FAÚNDES et al. 2006, p. 128).

Ainda segundo o IPEA<sup>8</sup> foi estimado que a cada ano, 527 mil pessoas são estupradas no Brasil. Desses casos, 89% das vítimas são mulheres com baixos níveis de escolaridade, sendo 70% delas crianças e adolescentes. O estudo mostrou ainda que em 50% dos casos envolvendo menores de 18 anos, a vítima já foi estuprada mais de uma vez. “Trata-se de dados alarmantes, pois se sabe que o estupro, além das mazelas de curto prazo, gera consequências de longo prazo, como diversos transtornos. Tal fato, ocorrendo exatamente na fase da formação individual e da autoestima, pode ter efeitos devastadores sobre a sociabilidade e sobre a vida dessas pessoas”.

<sup>7</sup> Link do estudo: [http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf)

<sup>8</sup> Os dados da pesquisa realizada pelo IPEA foram retirados do SINAM/MS.

## 2 OBJETIVO

O objetivo geral do radiodocumentário “**O Renascer das Flores**” foi realizar um estudo sobre o abuso sexual de mulheres no Brasil, com o intuito de conscientizar a sociedade das inúmeras consequências sociais desta violência. Pesquisamos como a herança patriarcal colaborou com a violência de gênero e refletiu nas relações de poder entre homem e mulher.

Entender o conceito de abuso sexual contra mulheres no Brasil e quais foram as consequências causadas para as vítimas que tivemos a chance de entrevistar no radiodocumentário “**O Renascer das Flores**”, analisando o perfil psicológico e comportamental do agressor, também fez parte dos nossos objetivos.

## 3 JUSTIFICATIVA

O abuso sexual é um crime universal que atinge todas as classes sociais, religiões, etnias e culturas. Ele é definido como qualquer relacionamento interpessoal onde ocorre a sexualidade sem o consentimento válido de uma das pessoas envolvidas (FAIMAN, 2004). No Brasil, a violência sexual contra as mulheres é um crime que pode resultar em reclusão de dez a 30 anos.

De acordo com estudo<sup>9</sup> publicado em 2014, pela *The Lancet*, revista americana sobre saúde, uma em cada 14 mulheres já foi, ao menos uma vez em sua vida, vítima de algum tipo de abuso sexual. É um dado alarmante. Já no Hospital Pérola Byington, localizado em São Paulo, centro de referência da saúde da mulher, são atendidas, em média, 15 vítimas de violência sexual por dia.

Segundo dados<sup>10</sup> da polícia do Rio de Janeiro, em 50% dos casos de estupro, as vítimas conheciam o agressor. É importante ressaltar que a violência sexual não é necessariamente o ato do sexo forçado, portanto, é muito mais comum do que se imagina uma mulher ser vítima de algum tipo de abuso, já que existem diversas formas de abuso sexual como, por exemplo, o agente abusador tocar em certas partes do corpo, fazer carícias, beijar, fazer sexo oral, ou até mesmo observar a pessoa trocando de roupa e praticar o exibicionismo, onde a pessoa expõe seus órgãos à suas vítimas. Além disso, na maioria das vezes, as vítimas de abuso sexual conhecem ou são até próximas de seus

---

<sup>9</sup> Link do estudo da revista The Lancet: [http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(13\)62243-6/abstract](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(13)62243-6/abstract)

<sup>10</sup> Link da pesquisa: [http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp\\_imagens/Uploads/DossieMulher2013cap5.pdf](http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/Uploads/DossieMulher2013cap5.pdf)

agressores.

Portanto, este assunto é de extrema importância para a sociedade. Desenvolvemos o radiodocumentário **“O Renascer das Flores”** para ajudar a conscientizar as mulheres de que esse tipo de crime pode acontecer com elas a qualquer momento, independente da sua classe social ou idade e, ainda, irá alertá-las sobre quais medidas devem ser tomadas para minimizar os riscos de se tornarem vítimas e passarem por essa situação perigosa, que posteriormente pode gerar problemas físicos e danos psiquiátricos permanentes.

Percebe-se que quase não se encontram matérias na mídia que de fato prestem este serviço à sociedade. O jornalismo deveria abrir mais espaço em sua pauta diária para assuntos como este, de extremo interesse e cunho social. Muitas vezes, a mídia faz uma cobertura bastante sensacionalista do tema “abuso sexual” e, por isso, acreditamos que nosso Projeto pode auxiliar e incentivar a pauta jornalística para futuras matérias e reportagens a respeito do assunto.

Infelizmente a violência sexual ainda é pouco denunciada, dificultando seu registro estatístico e a pesquisa nesta área. Portanto, um estudo aprofundado e atualizado sobre o tema pode auxiliar, além das mulheres, estudantes e profissionais de outras áreas, como psicólogos e médicos, já que a violência sexual vem sendo crescentemente remetida à área da saúde.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Quando chegou a hora de decidir que tema gostaríamos de abordar e qual método jornalístico iríamos utilizar em nosso trabalho de conclusão de curso, nós já tínhamos em mente que queríamos um assunto de relevância social, um trabalho que prestasse um serviço à sociedade. Quando decidimos o tema abuso sexual em mulheres, sabíamos que teríamos que entrevistar vítimas, e foi o que nos motivou a escolher o documentário radiofônico como produto jornalístico. A escolha do rádio deu-se pelas características que este tipo de mídia proporcionaria para o nosso produto: é um veículo que se aproxima dos ouvintes, nos dava a possibilidade de utilizar emoção na linguagem e, acima de tudo, a sensibilidade e o anonimato para as vítimas se sentirem mais a vontade para falar sobre o que lhes ocorreu de maneira segura e sem exposição.

Alinhamos que seria apropriado termos mais ou menos quatro entrevistas de vítimas. Tudo dependeria de como ocorreriam, se as mulheres estariam dispostas a realmente falar. Outro ponto que já havia sido planejado antes de começarmos as

entrevistas com as mulheres, foi a questão de mencionar ou não seus nomes. Já imaginávamos que elas escolheriam manter o anonimato, por isso, decidimos que daríamos a todas, nomes de flores. Acreditamos que colocar os nomes de flores traz sensibilidade a um assunto extremamente delicado e devolve às mulheres a feminilidade que este crime as roubou.

Todas as entrevistas, com exceção de uma, foram por telefone, gravadas diretamente do estúdio de rádio, na ESPM. A única entrevista presencial foi com o Dr. Jefferson Drezett. As entrevistas foram realizadas por telefone por uma solicitação e conforto das próprias vítimas, que se sentiram mais a vontade em não se expor.

Enquanto fazíamos nossa pesquisa, descobrimos o Hospital Pérola Byington, dedicado à mulheres vítimas de violência sexual, em São Paulo. No ano de 2014, o hospital recebia cerca de 7 novos casos de estupro todos os dias. Por essa e outras razões, vimos que seria de extrema importância conversar com algum responsável nessa área.

Encontramos o Dr. Jefferson Drezett, diretor do Ambulatório de Atendimento Integral à Mulher em Situação de Violência Sexual, também ginecologista e obstetra, e responsável pela realização de abortos legais no hospital. O primeiro passo foi tentar um contato com ele ou sua equipe. Foram meses de tentativas em vão, e-mails e ligações que não davam em nada.

O objetivo era terminar o primeiro semestre e a pré-banca com pelo menos uma entrevista realizada, e contávamos muito com a entrevista do Dr. Jefferson Drezett. Um dia antes da nossa pré-banca, finalmente, ele nos respondeu. Pediu uma cópia da nossa monografia e uma carta da Comissão de Ética da faculdade, que comprovasse que se tratava de um trabalho acadêmico. Providenciada a parte burocrática, a entrevista foi marcada para uma terça-feira às 15h. A entrevista em si foi muito gratificante, pois tudo ocorreu ainda melhor do que imaginávamos, e teríamos sonoridades excelentes para utilizar no documentário.

Após as entrevistas, iniciamos a decupagem do material, a edição dos áudios e a criação do roteiro. Esta parte foi bastante complicada, afinal tínhamos inúmeras horas de gravação, e decidir quais os assuntos a serem abordados, o que era mais importante, por onde começar, utilização dos recursos da linguagem radiofônica, foi um aprendizado diário na seleção e cuidado do material jornalístico.

Quando conseguimos finalizar o roteiro, estava na hora de gravar a locução. Decidir o locutor do documentário foi difícil, pois queríamos alguém que soubesse transmitir a emoção necessária sobre um assunto delicado e ao mesmo tempo muito sério. Fizemos

alguns testes de vozes, duas mulheres e dois homens. Decidimos que a melhor voz seria de homem, com uma voz jovem, e absolutamente normal, sem grandes entonações, para que o foco do produto jornalístico fosse totalmente, no depoimento forte de cada uma das vítimas de abuso sexual que permeiam o documentário **“O Renascer das Flores”**. Então escolhemos como locutor, um colega de classe. Ele conseguiu narrar nosso documentário exatamente como imaginávamos, e ficamos muito satisfeitas com a sua colaboração.

Realizamos uma pesquisa musical minuciosa, com músicas específicas para cada momento do nosso documentário. Por exemplo, no final do documentário, quando o locutor menciona como nossas flores mostraram coragem ao falar sobre suas histórias, optamos pela música “O Mundo É Um Moinho”, do Cartola. Segundo Armand Balsebre (1996, p. 333), a trilha musical é um elemento constituinte da linguagem radiofônica e possui função expressiva.

Consideramos que a música pode ser utilizada com a intenção de imprimir emoções, intensificar a dramaticidade da voz ou criar paisagens sonoras – por meio da associação com imagens que fazem parte da memória do ouvinte. Escolhemos inúmeras músicas que pudessem servir para o nosso documentário. Inclusive, decidimos terminar o documentário com uma das vítimas cantando na “capela” a música “Mais Uma Vez”, da Legião Urbana, significativa para uma das vítimas, e na medida em que a voz dela vai desaparecendo, a própria música começa a surgir.

Nosso objetivo nesta fase foi também explorar o potencial expressivo dos elementos sonoros da linguagem radiofônica, que quando bem utilizados podem sugerir imagens multisensoriais ao ouvinte, por meio da associação da performance da voz, da trilha musical, do tratamento técnico (gravação, mixagem e efeitos de pós-produção) e claro, pelo intenso, detalhado e emocional relato de nossas entrevistadas.

Quanto à edição, toda a decupagem do material bruto e os cortes secos das sonoras foi realizado pelo grupo de alunas. As aulas de edição fornecidas pela ESPM e ministradas pelos professores Marcelo Bonora e Patrícia Rangel, serviram de suporte para a edição do produto radiofônico. Na pré-produção, decupamos o material bruto (em torno de oito horas de gravação) e fizemos os cortes para a separação do material com o software livre, Wavosaur.

Para a montagem do documentário, o grupo contou com o apoio do técnico Afonso Afonsus, da rádio ESPM. Nesta fase, já tínhamos realizado a pesquisa de seleção musical e

de trilhas e o técnico, inseriu o material que fez parte da composição do produto. Foram 12 horas de edição, acompanhada pelo técnico que posteriormente equalizou e finalizou com o software Pro Tools. O grupo percebeu que os conhecimentos dos processos de edição permitiram uma maior autonomia no fazer jornalístico.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O documentário de rádio **“O Renascer das Flores”** foi dividido em cinco blocos. Cada bloco com a duração de cinco minutos, totalizando em um produto de vinte e cinco minutos. Dividimos cada bloco em um assunto diferente. No primeiro bloco, focamos na contextualização do estupro e em relatos da psicóloga Patrícia Pinatti, do médico Jefferson Drezett e na história de uma de nossas flores, a Margarida. O segundo bloco deu espaço as histórias de Rosa, Violeta e Vana Lopes, e o Dr. Jefferson Drezett explica como é feito o tratamento das vítimas no Hospital Pérola Byington.

O terceiro bloco é dedicado para as consequências sofridas por parte das vítimas após passar por esse trauma, e a psicóloga Patrícia Pinatti conta qual é o processo de recuperação pelo qual as mulheres passam na terapia e psicanálise. A delegada Celi Carlota explica como funciona a legislação para os agressores.

No penúltimo bloco, a delegada Celi Carlota e o presidente da CPI Adriano Diogo, contam alguns casos marcantes que vivenciaram ao longo de suas carreiras. Por fim, dedicamos o último bloco para que as flores pudessem contar como superaram a pior fase de suas vidas e a empresária Vana Lopes relembra como foi reencontrar o médico estuprador.

No começo do segundo semestre, começamos nossa busca incessante por mulheres vítimas de estupro e também por profissionais que pudessem acrescentar informações relevantes ao nosso documentário. Precisaríamos de uma psicóloga ou psiquiatra, que pudesse falar das consequências sofridas pelas mulheres após o crime, de uma delegada, para falar sobre as medidas tomadas pela lei para punir os agressores e também de um médico da área, no caso, era o Dr. Jefferson Drezett.

Conseguimos a nossa primeira entrevista com a “Margarida”, uma estudante de 21 anos, através do Facebook. Infelizmente, a entrevista com a Juliana não foi como o esperado. Ela estava acanhada, não queria falar muito e suas respostas eram extremamente curtas. De todas as perguntas que fizemos, conseguimos usar de fato duas respostas. Apesar da entrevista em si não ter sido boa, nos impressionamos muito com a história que a



“Margarida” nos contou.

Em 2014, veio à tona o caso Roger Abdelmassih, o ex-médico referência em reprodução humana, que abusou de mais de trinta pacientes. Acompanhamos o caso e vimos que as mulheres não tinham medo de contar suas histórias para a mídia, portanto, não podíamos perder a oportunidade de tentar falar com uma dessas mulheres. A entrevista com a empresária Vana Lopes, vítima do médico abusador foi, de fato, a melhor entrevista de todas. Ela falou sem medo, com convicção e fez questão de que mencionássemos o seu nome em nosso documentário. De fato, foi uma das histórias mais marcantes que já ouvimos nas nossas vidas e com uma riqueza de detalhes impressionante.

Nosso próximo entrevistado foi Adriano Diogo, deputado e presidente da CPI contra trotes violentos nas universidades. Conversamos com ele porque este é um problema que vêm crescendo dentro das faculdades. As ondas de estupros estão, infelizmente, cada vez mais comuns em universidades públicas, como a USP, onde estima-se que já aconteceram cerca de 112 estupros de meninas.

Na sequência, conversamos com a estudante “Rosa”. Ela nos contou há um tempo sobre o ocorrido e se disponibilizou caso precisássemos de uma entrevista. Conseguimos localizá-la e ela nos detalhou tudo o que vivenciou. A história de “Rosa” é muito comovente pelo fato de ela ter sido abusada ainda quando era muito criança. Ela tinha de quatro para cinco anos e numa suposta “brincadeira de médico”, sofreu o abuso por um adolescente que morava em seu condomínio.

Por fim, nossa última entrevistada foi uma sorte grande que tivemos. Já estávamos desencorajadas, pois não conseguíamos achar mais vítimas que pudessem colaborar com o nosso projeto, mas não desistimos e felizmente conseguimos uma entrevista com a publicitária de 28 anos, “Violeta”. Vimos uma entrevista concedida por “Violeta”, para a revista da editora Globo, Marie Claire. Ficamos perplexas com o caso dela e decidimos contatá-la pelo *Facebook*. Ela nos contou detalhadamente como tudo aconteceu.

## 6 CONSIDERAÇÕES

O documentário radiofônico “**O Renascer das Flores**” nos serviu como enorme aprendizado. Tivemos a oportunidade de ajudar a conscientizar a sociedade de um tema que faz parte da vida de mulheres diariamente. Conseguimos depoimentos marcantes, mulheres com passados sofridos, mas também de muita superação, e com certeza levaremos essas histórias conosco para sempre. O contato com os profissionais de cada área nos permitiu

expandir nosso conhecimento sobre o tema e possibilitou enxergar a dimensão do problema enfrentado por grande parte da população feminina brasileira.

Em relação às vítimas, nos colocamos no lugar delas como mulheres e tentamos pelo menos imaginar o que elas passaram e ainda passam para superar tudo o que aconteceu. Um fato curioso é que achávamos que a maioria delas fosse se emocionar ao tocar no assunto, mas não foi o que aconteceu. Todas expressaram que, apesar de terem sofrido o pior pesadelo de suas vidas, conseguiram de alguma forma seguir em frente e levar com elas apenas aquilo que serviu como aprendizado.

Por fim, deixamos nosso maior e mais profundo obrigado às nossas flores, às mulheres guerreiras que tiveram a coragem de se expor e contribuir com o nosso trabalho, que dividiram conosco a fase mais triste de suas vidas, que confiaram e acreditaram no nosso trabalho e que, sem elas, não teríamos nada. Aqui, deixamos nosso agradecimento à cada uma de vocês, Rosa, Margarida, Violeta e Vana Lopes, nossas eternas flores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado: O Feminismo e Alguns Destinos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Cátedra, 1996.

BORDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CHARAM, Isaac. **O Estupro e o Assédio Sexual: como não ser a próxima vítima**. Rosa dos Tempos, 1997.

CABRAL, F.; DÍAZ, M. **Relações de Gênero**. Disponível em: [http://adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes\\_Genero.pdf](http://adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes_Genero.pdf)

FAIMAN, Carla. **Abuso Sexual em Família: a Violência do Incesto à Luz da Psicanálise**. Casa do Psicólogo, 2004.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em <http://www.ipea.gov.br>. Último acesso em 31 de março de 2016.

NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: Feminismo e Perspectivas Críticas na Psicologia Social**. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

SIPS – Sistema de Indicadores de Percepção Social. Disponível em: [http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf) est11.pdf> Acesso em: 30 março. 2016.